



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA JÚLLIA COSTA ALEIXO

**MULHERES E O CORPO DE BOMBEIROS DO DISTRITO FEDERAL.**  
**Os desafios históricos para a nomeação da primeira Comandante Geral**

Brasília - DF

2024

ANA JÚLLIA COSTA ALEIXO

**MULHERES E O CORPO DE BOMBEIROS DO DISTRITO FEDERAL: Os desafios  
históricos para a nomeação da primeira Comandante Geral**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília – Como requisito  
final para obtenção do título de Licenciatura  
em História.

Professora Orientadora: Mariléa de Almeida.

Brasília – DF

2024

## Ficha Catalográfica (Biblioteca)

ANA JÚLLIA COSTA ALEIXO

**MULHERES E O CORPO DE BOMBEIROS DO DISTRITO FEDERAL: Os desafios históricos para a nomeação da primeira Comandante Geral**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília - Como requisito  
final para obtenção do título de licenciatura em  
História.

Data da aprovação: 23/01/2024

---

Mariléa de Almeida -  
Orientadora Doutora em História  
Professora do Departamento de História (UNB)

---

Mariana de Mesquita Santos  
Ms. PPGHIS (UNB)

---

Taís Lopes Rocha  
Ms. PPGHIS -  
UNB  
Professor(a) da Secretária de Educação (SEE/DF)

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho às mulheres militares do Brasil. A força e perseverança de cada uma transforma enormemente o nosso país. Dedico especialmente à minha mãe, que sempre foi a figura feminina mais importante da minha vida. Graças a ela cheguei ao final dessa linda jornada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente à minha família por todo amor e carinho recebido estes anos de estudo. À minha mãe Juvanete Costa e meus irmãos Ana Luiza, Ana Elizabeth e Luis Gustavo, o amor e apoio de vocês funcionaram como minha motivação diária. Sou uma pessoa feliz e realizada por tê-los em minha vida. Um agradecimento especial para o meu padrinho José Jeovan, por todo amor e carinho que me deu durante toda minha vida, o homem mais importante da minha vida e eternamente o pai que a vida me deu.

À minha querida orientadora Profa Dra Mariléa de Almeida pelo carinho e paciência com que me tratou desde o começo da minha orientação. Agradeço pela orientação e por todo conhecimento adquirido, pelas opiniões e por apoiar o tema deste trabalho com boa vontade.

Agradeço à banca avaliadora formada pela Profa. Ms. Mariana de Mesquita Santos e Profa. Ms. Thaís Lopes Rocha, especialmente pela disponibilidade das professoras fizeram possível a apresentação deste trabalho.

Agradeço à minha amiga de longa data Ana Carolina, que esteve comigo nos momentos mais difíceis e sempre segurou minha mão nas minhas decisões. A sua amizade foi uma benção da espiritualidade em minha vida. Obrigada por tudo, amo você.

Por fim, mais não menos importante, agradeço aos meus queridos amigos do curso de história: Ana Caroline Marques, Fabiana Dantas, Leticia Pauluk, Maria Clara Andrade, Marcelo Oliveira, Tiago Magia Morais e Leticia Liz. Graças a vocês viver a universidade foi a melhor experiência da minha vida. Agradeço pelas risadas, pela realização de disciplinas juntos, pelas danças no centro acadêmico e pelos docinhos após o almoço no restaurante universitário. Obrigada pelo apoio, pois estiveram ao meu lado a cada passo na graduação. Amo todos vocês.

## RESUMO

Este trabalho pergunta sobre os desafios históricos que permitiram, em 2023, a nomeação da primeira mulher Comandante Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, a comandante Mônica de Mesquita Miranda. Partindo desse acontecimento, a metodologia utilizada focaliza a revisão bibliográfica sobre o tema, articulando com as análises sobre as relações de gênero, especialmente aquelas que permitem visualizar as assimetrias de gênero, bem como os efeitos do machismo estrutural nas carreiras das militares. Para tanto, as análises orientam-se pelas seguintes questões: as condições históricas que favoreceram a nomeação da primeira mulher Comandante Geral no Distrito Federal e os desafios encontrados pelas militares dentro da corporação.

**Palavras-chave:** Corpo de Bombeiro. Mulheres militares. Relação de gênero. Machismo estrutural.

## **ABSTRACT**

This work asks about the historical challenges that allowed, in 2023, the appointment of the first female General Commander of the Military Fire Brigade of the Federal District, Commander Mônica de Mesquita Miranda. Starting from this event, the methodology used focuses on the bibliographical review on the topic, articulating it with analyzes on gender relations, especially those that allow us to visualize gender asymmetries, as well as the effects of structural machismo on military women's careers. To this end, the analyzes are guided by the following questions: the historical conditions that favored the appointment of the first female General Commander in the Federal District and the challenges encountered by the military within the corporation.

**Key-words:** Fire brigade. Military women. Gender relationship. Structural machismo.



## **Sumário**

1. INTRODUÇÃO	3
1.1. O ACONTECIMENTO: UMA COMANDANTE NEGRA NO CBMDF	5
1.2 OS DESAFIOS DAS MULHERES NA CORPORAÇÃO DOS BOMBEIROS	8
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
3. REFERÊNCIAS	10

## 1. INTRODUÇÃO

O corpo de bombeiros é uma organização militar cujo objetivo principal é o combate a incêndios e prevenção da vida. Porém ao longo da história da corporação, seu escopo de atuação não ficou restrito a essas atribuições. Segundo informações coletadas no site do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal - CBMDF, a instituição foi criada durante o Império, em 1856, com a finalidade de garantir a segurança e a proteção dos bens do poder público.<sup>1</sup> Em 1964, ocorreu a transferência da sede do Rio de Janeiro para Brasília.

A partir da década de 1990, destaca-se a presença das mulheres na corporação. Entre 1992 e 1999, 356 mulheres ingressaram no Corpo de Bombeiros. O estado de São Paulo foi o primeiro do país a incluir mulheres no seu quadro de militares, formando, em 1991, 40 bombeiras. (ARAÚJO, SANTOS; SALES, 2021). Em 2002, foi registrada a maior entrada de militares femininas na história da corporação, com o quantitativo de 1.049 em todo país. Como desdobramentos desse aumento numérico as mulheres começam a ocupar postos mais destacados na hierarquia militar.<sup>2</sup> A esse respeito, destaca-se no estado de Minas Gerais a comandante Daniela Lopes Rocha da Costa que, em 2007, tornou-se a primeira piloto do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais. Atualmente, as mulheres correspondem a 17% do efetivo total.<sup>3</sup> No CBMDF, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 detalha que as mulheres representam 13% da corporação.

Deslocando-se para o Distrito Federal, em 1993, aconteceu a primeira turma de formação onde havia mulheres, somando um total de 40. Dentre elas, estava Mônica de Miranda Mesquita, mulher negra que, em 2023, foi nomeada a primeira Comandante Geral da CBMDF.

A presença das mulheres dentro do Corpo de Bombeiros Militar se faz presente a cada dia, os desafios enfrentados por essas militares são além de institucionais, históricos, uma vez que as mulheres somente adentram ao ofício no ano de 1992, após 136 anos de início do Corpo de Bombeiros. Os desafios históricos presentes nas reflexões deste artigo serão permeados pelos conceitos de machismo estrutural (Hélio Hentze 2021) e relações de gênero (Joan Scott 1989).

---

<sup>1</sup> Disponível em < <https://www.cbm.df.gov.br/sobre-o-cbmdf/> > Acesso em 10 out.2023

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.cbm.df.gov.br/postos-e-graduacoes/>> Acesso em 03 fev.2024

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.pilotopolicial.com.br/corpo-de-bombeiros-do-rio-tem-primeira-mulher-piloto-de-helicoptero>> Acesso em 22 jan. 2024.

Para compreender sobre as condições e desafios históricos que favoreceram a nomeação de Mônica de Miranda Mesquita, faz-se necessário abordar os efeitos do machismo estrutural na corporação, bem como as relações de gênero que se expressam na instituição de forma interseccional. Para finalidades deste artigo, machismo estrutural será compreendido conforme descreve o pesquisador Hélio Hintze (2021), ou seja, uma ótica de hipervalorização do masculino como o modelo a ser seguido. O machismo estrutural não diz respeito apenas sobre as ações individuais, mas, especialmente, da organização, da disposição e da ordem dos elementos que compõem o corpo social, oferecendo sustentação à dominação patriarcal. O que contribui para construção de identidade social e a construção de sistemas de conhecimento e crença. (HINTZE, 2021, p. 1-7)

Nesse sentido, é valiosa a contribuição da historiadora Joan Scott (1989) sobre o conceito de relações de gênero, ao defender que o gênero é uma forma de significar relações de poder. Partindo desse ponto, observa-se que as relações de gênero integram a construção da sociedade, funcionando como mecanismo de decodificação para o melhor entendimento das interações humanas. (SCOTT, 1989, p. 21-24).

Desse modo, é valioso para as nossas análises a abordagem interseccional para pensarmos como as relações de poder interagem de forma diferenciada, quando pensamos sobre as sobreposições das opressões, construídas com base nas diferenças de raça, classe, gênero, sexualidade, faixa etária, entre outras dimensões. O que não implica realizar uma hierarquia e/ou um somatório das opressões. Ao contrário, a abordagem interseccional privilegia a análise de como elas se entrecruzam e interagem de maneira múltipla e às vezes simultânea na produção das assimetrias sociais. (CRENSHAW, 1989; COLLINS & BILGE, 2021).

Levando-se em consideração que nada em história é natural, este trabalho pergunta sobre as condições históricas que favoreceram a crescente presença das mulheres no corpo de bombeiros, bem como interroga sobre os desafios que elas enfrentam em uma organização que valoriza a cultura masculina e naturaliza o machismo estrutural.

Para essas análises, o trabalho articula questões suscitadas pela revisão bibliográfica sobre o tema, bem como matérias midiáticas que tratavam sobre a nomeação da comandante Mônica de Mesquita Miranda no CBMDF. Para tanto, este artigo está dividido em duas partes: A primeira, tomando como foco de análise as matérias e entrevistas publicadas sobre a nomeação da Comandante Geral do CBMDF, analisa como as dinâmicas de raça e gênero atravessam os discursos sobre sua nomeação. A segunda parte, a fim de tornar visível os desafios que atravessam a carreira das militares, recupera a revisão bibliográfica sobre a presença das mulheres no Corpo de Bombeiros Militar do Brasil.

## 1.1. O ACONTECIMENTO: UMA COMANDANTE NEGRA NO CBMDF

Em 7 de janeiro de 2023, o jornal Metrópolis publicou uma matéria com Mônica de Mesquita Miranda, a nova Comandante Geral do CBMDF.<sup>4</sup> A entrevista, realizada pela jornalista Thalita Vasconcelos, por meio de um tom celebrativo, noticiou a nomea o da comandante, apresentando aspectos sobre sua trajetória dentro do CBMDF. Vale dizer que a comandante iniciou seu contato com a corpora o antes do seu ingresso como militar. Isso ocorreu em 1993, durante sua forma o na primeira turma mista de militares.

O título da matéria, “Mônica de Mesquita, primeira comandante-geral do CBMDF: Obrigac o de não errar”, revela como as dinâmicas de raça e gênero estão articuladas. A historiadora Beatriz Nascimento, em seu artigo “A mulher negra no mercado de trabalho”, afirma que as rela es de trabalho para as mulheres têm um peso diferente por conta de como o corpo da mulher negra historicamente foi sendo representada:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de domina o, como negra e como mulher, se v , desse modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito   mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assume empregos domésticos, em menor grau na indústria de transforma o, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais. Podemos acrescentar, no entanto, ao que expusemos acima que acima que a estas sobrevivências ou resíduos do escravagismo, se superpõem os mecanismos atuais de manuten o de privilégios por parte do grupo dominante. Mecanismos que são essencialmente ideológicos e que ao se debruçarem sobre as condi es objetivas da sociedade têm efeitos discriminatórios. Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial,   tanto devido ao fato de ser uma mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados. (NASCIMENTO, 1976, p. 4)

O trecho acima escrito pela historiadora Beatriz do Nascimento historiciza a desumaniza o dos corpos femininos negros. Situa o que foi expresso no título da matéria pela ideia de “obriga o

---

<sup>4</sup> Disponível <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/monica-de-mesquita-primeira-comandante-geral-do-cbmdf-obrigacao-de-nao-errar>> Acesso em 10 de Dez. 2023.

de não errar”. Mesmo quando uma mulher negra ocupa uma posição de destaque, como é o caso da comandante Mônica de Mesquita, a lógica de que tem que ser forte emerge como uma necessidade no discurso e na prática. A este respeito contribui à feminista negra estadunidense bell hooks, ao dizer:

Em geral, quando pessoas falam sobre a “força” de mulheres negras, referem-se à maneira como percebem que mulheres negras lidam com a opressão. Ignoram a realidade de que ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la, que resistência não deve ser confundida com transformação. (HOOKS, 2019, p.15)

Apesar da matéria não mencionar que a comandante é uma mulher negra, a ideia de força e de resiliência sustenta a “obrigação de não errar”.

Em 1992, ocorreu o primeiro contato de Mônica de Mesquita com o CBMDF. Na ocasião, como estagiária de psicologia, realizou uma matéria na instituição. No ano seguinte, após a conclusão do curso de psicologia, ingressou por meio de concurso público na primeira turma mista de formação do CBMDF. Em termos de atuação profissional, inicialmente, foi encarregada pelo centro de assistência da Academia de Bombeiros Militar. Durante os anos de serviços, exerceu diversas funções, passando por setores relacionados à saúde e por áreas de atendimento à população. Em 2017, aconteceu um dos momentos mais desafiadores de sua carreira. Foi quando ocorreu um episódio de suicídio dentro da corporação, assim relatou a comandante Mônica de Mesquita:

Foi um momento muito impactante na minha carreira. Nós tivemos um suicídio de um militar. Na época, questionei aos meus antecessores se havia algum protocolo para lidar com a situação e, ao saber que não havia nenhum até então, tive que recorrer aos meus aprendizados da faculdade e cuidar da gestão.<sup>5</sup>

O suicídio de uma pessoa da corporação revelou a inexistência de um protocolo institucional para lidar com situações que envolvem a saúde mental. Infelizmente, o que ocorreu no CBMDF, longe de ser um caso isolado, revela aspectos sobre as condições de trabalho no corpo de bombeiros.

A respeito da saúde mental dentro da corporação, o artigo, “Trabalho: gênero e saúde mental: uma pesquisa quantitativa e qualitativa entre bombeiros”, dos pesquisadores: Tatiana de Castro Amato, Thiago Pavin, Leonardo Fernandes Martins, Andréia Batista, Telmo Mota Ronzani, materializa como o sofrimento mental é vivenciado de forma diferenciada entre homens e mulheres da área da saúde. O trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa e quantitativa realizada no corpo de bombeiros do estado de São Paulo. Foram entrevistados 303 bombeiros, sendo 277 homens e 26

---

<sup>5</sup> Disponível <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/monica-de-mesquita-primeira-comandante-geral-do-cbmdf-obrigacao-de-nao-errar>> Acesso em 10 de Dez. 2023.

mulheres, com a finalidade de investigar os problemas recorrentes. Para a investigação, foram formuladas perguntas de cunho pessoal, com foco no cotidiano e práticas dos/as militares, como por exemplo, o uso de remédio controlado, o consumo de bebidas alcoólicas regularmente e os impulsos de autoextermínio. (AMATO, PAVIN, MARTINS, BATISTA, RONZANI, 2010)

O resultado da pesquisa considerou que, das pessoas 303 entrevistadas - o que equivale a 79% da corporação do quartel -, a maioria enfrentava alguma instabilidade na saúde mental. Dentre os principais motivos relatados, destaca a sobrecarga no ambiente de trabalho. Tratando-se das diferenças de gênero, os militares homens em geral expressam seu sofrimento por meio do abuso de consumo de álcool, enquanto as mulheres são afetadas com maior índice de depressão e doenças associadas ao quadro de esgotamento mental. (AMATO, PAVIN, MARTINS, BATISTA, RONZANI, 2010)

Retornando à trajetória da comandante Mônica de Mesquita, é plausível especular que sua formação em psicologia, favoreceu a existência de uma sensibilidade profissional para as demandas de gestão que envolvem a saúde mental. Não por acaso, no CBMDF, sob a influência de Mônica de Mesquita, quando ela ocupava a posição de coronel, foi criado o primeiro Fórum dos Comandantes Operacionais com a finalidade de debater sobre a saúde mental dos militares.<sup>6</sup> Angulada por essa preocupação, ao final da entrevista, a comandante Mônica destaca dois legados que gostaria de deixar: a ampliação do número de mulheres comandantes e o cuidado com a saúde mental dos militares da ativa e da reserva.

Outra matéria publicada que destacou sobre a trajetória da comandante Mônica de Mesquita ocorreu no dia 9 de março de 2023, no jornal Correio Braziliense. Em clima de comemoração pelo Dia Internacional da Mulher, o conteúdo jornalístico enfatizou a posse como uma espécie de celebração dos lugares ocupados pelas mulheres, conforme podemos visualizar na fala da comandante.

Me sinto pronta para cuidar da nossa corporação, para ajudar a zelar pela segurança pública do DF e dar um toque feminino em um cargo que normalmente é ocupado por homens. Estaremos juntos – homens e mulheres – em prol da capital do Brasil

O trecho da fala da comandante Mônica de Mesquita mobiliza a dimensão do cuidado, relacionado ao que ela chamou de “toque feminino” dentro da corporação. Nesse sentido, o uso das práticas atribuídas ao feminino confere à Mônica um valor profissional diferenciado em relação aos

---

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/monica-de-mesquita-primeira-comandante-geral-do-cbmdf-obrigacao-de-nao-errar>> Acesso 10 de Jan. 2024.

homens. Estudiosas do feminismo têm chamado atenção para o fato de que neoliberalismo incentiva a “globalização do cuidado”. Conforme definiu a filósofa Silvia Federici, esse fenômeno diz respeito à captura da dimensão do cuidado numa lógica utilitária e neoliberal. (FEDERICI, 2019, p. 46-52)

As matérias jornalísticas analisadas neste item permitem visualizar que, após 30 anos do ingresso das mulheres ao CBMDF, questões relacionadas ao machismo estrutural estão presentes nas dinâmicas institucionais, naturalizando papéis desempenhados por homens e mulheres. Chama atenção nas reportagens o silenciamento sobre o fato da comandante ser uma mulher negra. O que está relacionado aos aspectos do machismo estrutural que atravessam a cultura da institucionalidade militar, conforme destacado por Hintze (2021) como, por exemplo, a valorização de ser homem branco e heterossexual. Desse modo, mesmo quando a comandante é negra, sua identidade racial é apagada.

## **1.2 OS DESAFIOS DAS MULHERES NA CORPORAÇÃO DOS BOMBEIROS**

Conforme observamos no item anterior, as dinâmicas de raça e gênero atravessam os discursos e as práticas militares, essencializando características atribuídas ao masculino e ao feminino como atributos que podem qualificar ou desqualificar na construção das carreiras.

A este respeito, os pesquisadores Welberte Araújo, Gilmar Santos e Dimas Sales, no artigo “O teto de vidro e as instituições militares: um estudo de caso no 7º batalhão de Bombeiros Militar de Minas Gerais”, discutem sobre a dificuldade de acesso das mulheres às posições de liderança, principalmente aos mais altos níveis na hierarquia organizacional. Os autores denominam esse obstáculo de “teto de vidro”. (ARAÚJO, SANTOS; SALES, 2021, p.2).

O estudo foi realizado com militares na ativa, revelando que o ingresso das mulheres na corporação favoreceu uma ruptura naturalização de uma rede masculina de ofício, e com isso emergiu as dificuldades das mulheres no trabalho. Durante a pesquisa, foi analisada como as mulheres militares mantêm uma vida paralela. Elas vestem a persona de militar, relacionada a uma performance de masculinidade considerada padrão, que envolve características como a racionalidade, resiliência e força. Isso ocorre porque dentro do ambiente machista há uma necessidade de demonstrar que é forte/bruta para obter direito e respeito no local de trabalho. Com essa forma de vivenciar o militarismo, as militares abdicam de traços pessoais que, em geral, são atribuídos ao campo do feminino. O artigo conclui que mesmo com o aumento da presença das mulheres na corporação, isso não significa que elas tenham mais facilidade ou meios para alcançar cargos de liderança. ARAÚJO, SANTOS; SALES,

2021). O que favorece uma baixa expectativa sobre as possibilidades de progressão na carreira. Esse aspecto foi abordado pela comandante Mônica de Mesquita ao dizer:

Entrei aqui bem despreziosa, há quase 30 anos como estagiária, focando no curso de psicologia. Acabei ingressando e me tornando comandante-geral. Você atira no que vier e acerta no que não vê.<sup>7</sup>

Outro desafio na construção das carreiras para as militares diz respeito ao planejamento reprodutivo. Sobre isso, as pesquisadoras Elayne Arantes Elisa, Letícia Becker Vieira, Cassiane Ferreira Langendorf, Pilar Almansa Martinez e Ivis Emília de Oliveira Souza, no artigo “O vivido do planejamento reprodutivo de mulheres bombeiras militares”, que trata das condições de planejamento reprodutivo feminino entre as bombeiras do Estado do Rio de Janeiro, concluem que as dificuldades das militares é a inexistência de uma rede de apoio institucional.

Na investigação, a faixa etária das entrevistadas variou de 31 a 50 anos. Dentre elas, 5 alegaram não terem filhos e uma era gestante. As mulheres que não tinham filhos faziam uso de métodos contraceptivos e alegavam não querer ter filhos até o momento da entrevista. O que chamou atenção nesta pesquisa é o fato de a maternidade ser encarada como um empecilho para a construção da carreira militar as mulheres que eram as expressaram reflexões e angústias, pois a maternidade aparece como um fardo que carregam sozinhas. Em termos profissionais, mesmo com a ajuda dos parceiros, elas relataram que havia situações de desvalorização dos seus trabalhos como militares, especialmente após licença maternidade. As militares que não eram mães indicaram o temor de arriscar suas carreiras por conta da maternidade, pois já presenciaram as vivências desafiadoras das colegas que são mães no ofício.

Com base na análise da bibliografia, podemos entrelaçar as experiências citadas com as relações de gênero e machismo estrutural, uma vez que os desafios enfrentados por essas militares são permeados pela ambivalência entre a valorização da cultura masculinista, como um aspecto que as qualifica, e seus desejos relacionados ao campo do feminino. O que impõe dificuldades na permanência das mulheres no Corpo de Bombeiros.

As angústias vividas pelas mulheres na corporação não estão relacionadas às suas capacidades físicas individuais, mas sobretudo aos vieses ideológicos naturalizados pelo machismo estrutural, o que subtrai das mulheres oportunidades e direitos. Tais efeitos na vida militar dessas mulheres são presentes de forma impactante nos desafios da presença feminina no Corpo de Bombeiros, pois ao analisar a permanência feminina no militarismo, observa-se que as dificuldades e desafios são um grande conjunto de empecilhos, uma vez que esses empecilhos não se limitam somente a questões biológicas, mas ideológicas, de gênero e históricas.

---

<sup>7</sup> Disponível em <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/monica-de-mesquita-primeira-comandante-geral-do-cbmdf-obrigacao-de-nao-errar>> Acesso 10 de Jan. 2024.



## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além da pretensão de responder sobre todos os aspectos que envolvem as condições históricas que permitiram o aumento das mulheres no Corpo de Bombeiros, as análises deste artigo permitiram entrever que, apesar das contradições, a presença das mulheres na corporação pode provocar mudanças institucionais no que diz respeito à atenção com a saúde mental e a existência de um plano de carreira que leve em consideração a maternidade. Ao mesmo tempo, observou-se que elas manejam de forma ambivalente a cultura masculiniza.

As mulheres convivem e sobrevivem com uma cultura masculina de forma integral no ofício do militarismo, as condições históricas que permeiam a nomeação da Comandante Geral Mônica de Miranda Mesquita são as mesmas nas quais foi analisado durante o presente artigo, a acerca dos desafios históricos que permearam tal evento, tendo em vista que a presença feminina mudou e muda a forma de exercer o militarismo, com a nomeação isso se fortificou, pois um comando geral feminino é um marco de mudança da presença feminina no Corpo de Bombeiros.

A nomeação de Comandante Geral Mônica de Mesquita Miranda exemplifica, com todas as contradições, os usos de atributos relacionados ao feminino no manejo da carreira militar. As adversidades vivenciadas pelas mulheres militares materializam como machismo estrutural se expressa no cotidiano das corporações militares.

## 3. REFERÊNCIAS

AMATO, Tatiana de Castro; PAVIN, Thiago; MARTINS, Leonardo Fernandes; BATISTA, Andréia; RONZANI, Telmo Mota. Trabalho, gênero e saúde mental: uma pesquisa quantitativa e qualitativa entre bombeiros. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo, vol. 13, n. 1, pp. 103-118, 2010.

ARAÚJO, Welberte F; SANTOS, Gilmar R; SALES, Dimas R. O teto de vidro e as instituições militares: um estudo de caso no 7º batalhão de Bombeiros Militar de Minas Gerais. *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, vol. 7, n. 1, pp 7961-7979 Jan. 2021.

CABRAL, Francisco, DÍAZ, Margarita. Relações de Gênero. *Reprolatina*. São Paulo, vol. 1, pp 1, 2016.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021

CRENSCHAW, Kimberlé W. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e

violência contra mulheres de cor. In: MARTINS, Ana Claudia Aymoré; VERAS, Elias Ferreira (orgs). *Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*. Curitiba: Appris, 2020, p. 23-97

ELIAS, Elayne Arantes;VIEIRA, Letícia Becker;Langendorf, Tassiane Ferreira;MARTINEZ, Pilar Almansa;SOUZA, Ivis Emília de Oliveira. O vivido do planejamento reprodutivo de mulheres bombeiras militares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Rio Grande do Sul, vol. 1, n. 43, pp 1983-1447, 2022.

FEDERECI,

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2024.

HINTZE, Helio. Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira. *Paco e Littera*. São Paulo, vol. 82 de Série Estudos Reunidos, pp. 7, 2021.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MOURA, Renata Costa de. Doutrina militar: estudo exploratório com enfoque na cultura organizacional do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Altos Estudos para Oficiais) - *Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília*, 2020.

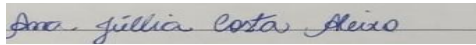
SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. New York, Columbia University Press. 1989.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. *Revista Ártemis*. Paraíba, pp 110-117, 2008.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, ANA JÚLLIA COSTA ALEIXO (matrícula:180012690), declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Mulheres e o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal: os desafios históricos para a nomeação da primeira Comandante Geral” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 07 de fevereiro de 2024.



Ana Júlia Costa Aleixo